

A VARIAÇÃO DA DESNASALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS EM CAXIAS, MARANHÃO

THE VARIATION OF THE DENASALIZATION OF POSTONIC VOWELS IN CAXIAS, MARANHÃO

LA VARIACIÓN DE LA DENASALIZACIÓN DE LAS VOCALES POSTÓNICAS EN CAXIAS, MARANHÃO

Antônio Luiz Alencar Miranda¹, Shirlane Maria Batista da Silva Miranda², Eduardo da Silva Conceição³

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4255

Recibido: 12/12/2025 | Aceptado: 09/01/2026 | Publicación en línea: 16/01/2026.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a variação da desnasalização das vogais postônicas na comunidade de fala da cidade de Caxias, Maranhão. A pesquisa justifica-se pela ausência de estudos anteriores sobre essa variável fonético-fonológica no estado. O problema central consiste em identificar quais fatores condicionam e favorecem a eliminação do som nasal após a sílaba tônica. O embasamento teórico apoia-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística, conforme os pressupostos de Labov (2008 [1972]), Battisti (2002), Silva e Scherre (1996) e Miranda (2014). O corpus analisado é composto por 72 entrevistas do projeto *Atitudes Linguísticas dos Falantes do Maranhão – ALFMA* (Miranda, 2016). Os resultados mostram que, das 310 ocorrências examinadas, 184 correspondem à aplicação da desnasalização (59,4%) e 126 à manutenção da nasalidade (40,6%). Conclui-se que o fenômeno é condicionado por fatores sociais e estruturais: falantes com menor escolaridade e do sexo masculino tendem a favorecer a inovação linguística. Do ponto de vista fonológico, a desnasalização ocorre com maior frequência em contextos de consoantes não nasais posteriores, em nomes terminados com o sufixo *-gem* e em palavras trissílabas e polissílabas, o que confirma a influência de restrições articulatórias e prosódicas previsíveis. Esses resultados indicam que a desnasalização constitui um processo variável em curso, refletindo uma mudança linguística em progresso na comunidade de fala caxiense.

Palavras-chave: Variação Linguística. Desnasalização. Vogais Postônicas. Fonologia. Sociolinguística.

ABSTRACT

This study aims to analyze the variation of the denasalization of postonic vowels in the speech

¹ Doutor em Linguística, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Caxias, Maranhão, Brasil.
E-mail: antoniomiranda@professor.uema.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5752-0280>

² Doutora em Educação, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Caxias, Maranhão, Brasil.
E-mail: shirlanesilva@professor.uema.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6611-528X>

³ Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: conceicaoeduardo493@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1161-4961>

community of the city of Caxias, Maranhão. The research is justified by absence of previous studies on this phonetic-phonological variable in the state. The central problem is to identify which factors condition and favor the elimination of the nasal sound after the tonic syllable. The theoretical basis is based on the Theory of Variation and Linguistic Change, according to the assumptions of Labov (2008 [1972]), Battisti (2002), Silva and Scherre (1996) and Miranda (2014). The analyzed corpus is composed of 72 interviews from the project *Linguistic Attitudes of Speakers of Maranhão - ALFMA* (Miranda, 2016). The results show that, of the 310 occurrences examined, 184 correspond to the application of denasalization (59.4%) and 126 to the maintenance of nasality (40.6%). It is concluded that the phenomenon is conditioned by social and structural factors: speakers with lower education and male sex tend to favor linguistic innovation. From a phonological point of view, denasalization occurs more frequently in contexts of later non-nasal consonants, in names ending with the suffix -gem and in trisyllable and polysyllabic words, which confirms the influence of predictable articulatory and prosodic restrictions. These results indicate that denasalization is an ongoing variable process, reflecting an ongoing linguistic change in the Caxias speaking community.

Keywords: Linguistic Variation. Denasalization. Postonic Vowels. Phonology. Sociolinguistics.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la variación de la desnasalización de las vocales postónicas en la comunidad de habla de la ciudad de Caxias, Maranhão. La investigación se justifica por la ausencia de estudios previos sobre esta variable fonético-fonológica en el estado. El problema central consiste en identificar qué factores condicionan y favorecen la eliminación del sonido nasal después de la sílaba tónica. El fundamento teórico se apoya en la Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico, según los presupuestos de Labov (2008 [1972]), Battisti (2002), Silva y Scherre (1996) y Miranda (2014). El corpus analizado está compuesto por 72 entrevistas del proyecto Actitudes Lingüísticas de los Hablantes de Maranhão – ALFMA (Miranda, 2016). Los resultados muestran que, de las 310 ocurrencias examinadas, 184 corresponden a la aplicación de la desnasalización (59,4%) y 126 a la conservación de la nasalidad (40,6%). Se concluye que el fenómeno está condicionado por factores sociales y estructurales: los hablantes con menor nivel educativo y del sexo masculino tienden a favorecer la innovación lingüística. Desde el punto de vista fonológico, la desnasalización ocurre con mayor frecuencia en contextos de consonantes no nasales posteriores, en nombres terminados con el sufijo -gem y en palabras trisílabas y polisílabas, lo que confirma la influencia de restricciones articulatorias y prosódicas previsibles. Estos resultados indican que la desnasalización constituye un proceso variable en curso, reflejando un cambio lingüístico en progreso en la comunidad hablante de Caxias.

Palabras clave: Variación Lingüística. Desnasalización. Vocales Postónicas. Fonología. Sociolingüística



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística é uma área de pesquisa que estuda a variação e a mudança da língua, caracteriza-se por estudar a estrutura linguística e seu funcionamento na sociedade. Para esta teoria, é possível perceber as variações que a língua propõe, bem como ressaltar as mudanças que aparecem no uso da língua em tempo aparente, desse modo, tem-se como hipótese de que está havendo o fenômeno de desnasalização das vogais na comunidade em estudo.

A evolução da variação linguística é essencial para a linguagem humana, pois dá ênfase à comunicação que, por sua vez, necessita de regularidade das estruturas variantes. Convivemos com variedades linguísticas dentro da língua portuguesa, porém a manifestação das diferentes linguagens não é aceita sem conflitos, principalmente no contexto escolar. Nesse sentido, a Sociolinguística estabelece conceitos para cada variável linguística, dando resposta para o suposto preconceito linguístico, por isso a importância de mais estudos na área.

A relevância pela qual se trabalha essa variação dá-se por não haver nenhuma pesquisa sobre esta temática no Maranhão com esta variável fonético-fonológica, bem como ampliar os estudos para traçarmos o perfil da língua falada nesta localidade.

Este estudo objetiva analisar a variação da desnasalização das vogais postônicas, que está presente na comunidade de fala na cidade de Caxias, Maranhão. Essa variável dependente tem como característica eliminar o som nasal depois da sílaba tônica, com mais frequência na língua oral e menos percebida na escrita, a exemplo de reportage/reportagem, que se encaixa normalmente pela regra da desnasalização.

METODOLOGIA

Este estudo baseia-se na teoria da variação que tem como público alvo a população da cidade de Caxias/MA. O interesse pela escolha da cidade partiu da observação do uso linguístico na realização da desnasalização das vogais postônicas e por residir nesta comunidade de fala.

A pesquisa foi realizada na zona urbana da cidade e constitui-se como *corpus* do projeto Atitudes Linguísticas dos Falantes do Maranhão – ALFMA (Miranda, 2016). Foram realizadas 72 entrevistas, baseando-se no modelo de Labov (2008 [1972]), de coleta de fala espontânea dos indivíduos.

A Sociolinguística possui arcabouço teórico-metodológico que descreve e explica o

processo de variação da língua. Para sustentar a investigação em pauta, busca-se os fundamentos em Labov (2008 [1972]), Battisti (2002), Silva e Scherre (1996), Miranda (2014), cujos autores estudam fenômenos de redução da nasalidade no português brasileiro e apresentam trabalhos relacionados à área em análise. Os trabalhos apontam que a mudança social tem um papel importante na variação linguística e ressaltam uma construção no saber linguístico em que o cidadão tem o direito de conhecer sua língua e seus usos.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, com a utilização do programa de regras variáveis *GoldVarb X*. Com os dados prontos, agora é a vez do linguista, como explicam Scherre; Naro (2007, p. 162), “O seu valor linguístico é atribuído pelo linguista. Se o linguista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados linguísticos”. Pois os dados servem como base para o pesquisador compreender e explicar os fatos linguísticos.

O envelope da variação é composto pela variável dependente, formada pelas seguintes variantes: a nasalização e a desnasalização das vogais postônicas e pelas variáveis linguísticas e não linguísticas demonstradas no quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis independentes linguísticas e sociais.

Grupos de Fatores	Exemplos
Classe de Palavras	
Nomes com <i>gem</i> na raiz Nomes com sufixo – <i>gem</i> Nomes Verbos	Vantagem Reportagem Homem Tomaram
Consoante do Onset	
Consoante nasal Consoante não-nasal posterior Consoante não-nasal anterior	Homem Coragem Joyem
Tonicidade do Contexto Seguinte	
Átona Tônica	Homem <u>ma</u> duro Vantagem <u>ce</u> rta
Contexto Fonológico Seguinte	
Vogal Consoante não-nasal Pausa Consoante nasal	Jovem <u>a</u> dulto Jovem <u>de</u> rrotado Agem# Homem <u>m</u> uda
Número de Sílabas	
Dissílabos Trissílabos Polissílabos	Jovens Viajem Reportagem
Escolaridade	
Ensino fundamental menor Ensino fundamental maior	

Ensino médio Ensino superior	
Sexo	
Masculino Feminino	
Faixa Etária	
1ª - de 18 a 30 anos 2ª - de 31 a 49 anos 3ª - de 50 a 75 anos	

Fonte: Autores (2026)

Para a variável número de sílabas foi excluída a variante monossílaba, por não apresentar o fenômeno em estudo. Esta variável foi incluída com o intuito de verificar se a quantidade de sílabas de uma palavra influencia no fenômeno em análise. Silva e Scherre (1996) consideram que a metodologia variacionista consiste em definir os diversos fatores de cada variável independente, com a finalidade de que se possa verificar a influência que cada condição exerce sobre a presença de uma ou outra variante de um determinado fenômeno.

A SOCIOLINGUÍSTICA E A DESNASALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS

A língua tem um valor social e não pode ser estudada como uma base autônoma, mas somente de acordo com o contexto social das pessoas que a usam como meio de comunicação. A língua é heterogênea e está sujeita a mudanças em seu uso. Cezario; Votre (2013) revelam que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística.

Nesse sentido, a variação não é vista como um efeito qualquer, mas como um princípio motivado por fatores estruturais e sociais. Isso acontece, segundo Mollica e Braga (2012), porque existem regras mutáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer o uso dessas covariações em cada contexto. Com isso, compreende-se a regularidade do estudo sobre a linguagem e suas regularidades dentro da variação em seu uso.

A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou que a inibem (Cezario; Votre, 2013, p.141).

Assim, compreende-se que o uso linguístico apresenta um comportamento regular e sistemático, no qual a variação e a mudança são fenômenos intrinsecamente contextualizados,

tanto em sua natureza social quanto estrutural. Considera-se, portanto, que as características da língua se manifestam em diferentes conjuntos sociolinguísticos, refletindo a diversidade de seus falantes. Toda língua apresenta variantes, e os estudos sociolinguísticos contribuem para descrever o padrão real de funcionamento da língua em uso. Dessa forma, reconhece-se que a mudança linguística configura um campo legítimo de investigação e observação, do mesmo modo que a variação é influenciada por fatores externos à própria linguagem.

O estudo da variação em relação ao contexto social apresenta as normas linguísticas de uma comunidade, reveladas pelas variações que foram observadas do ambiente informal até o formal. Os falantes possuem um vocabulário linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam.

Por isso, a língua está sujeita não só à variação, mas também à mudança, pois faz parte dos padrões sociais, que a sociedade pode acompanhar. A mudança ocorre quando os falantes de uma determinada região têm a necessidade de compreender alguma forma de expressão, podendo admitir que a língua esteja em processo de modificação.

A mudança linguística é decorrência da variação, mudanças devem estar ocorrendo “agora mesmo”, neste momento; podem não ser mudanças como aquelas que ocorreram séculos atrás, mas certamente, alguma mudança linguística deve estar em curso, já que a variação é fato inerente às línguas e não excepcional (Fiorin, 2017, p.106).

Sendo assim, a abordagem da variação no uso da língua em diversas comunidades é estudada tendo como base teorias de mudanças. Labov (1994) enfatiza a trajetória da variação, que inicia com um hábito local e depois caracteriza todo um grupo social. Destaca também as etapas da variação no uso da língua, a primeira é a origem da mudança, enfatiza também as diversas variações possíveis em um pequeno grupo de falantes; existe a propagação, que é um número bem maior de falantes que adotam uma variação que se consolida com a antiga expressão; e a realização completa, em que a regularidade se estabelece por meio da variação da língua.

Desse modo, para compreender os motivos de uma mudança, é indispensável conhecer em que meio social o falante se originou, e de que forma se transportou para outros grupos sociais, para que, desse modo, possa entender o desenvolvimento da mudança linguística fora da comunidade em que vive. A vida social contribui bastante para a mudança, é a partir desse uso que a modificação se difunde para um padrão diferente.

Esta pesquisa tem a intenção de investigar a variação na língua portuguesa na comunidade de Caxias, ao eliminar o som nasal das vogais postônicas, como fala Bagno (2006, p.116):

Ao que parece, existe a tendência na língua portuguesa de eliminar a nasalidade das vogais postônicas – Quer dizer, o som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica, como em todas estas palavras do quadro... E também em *homem, ontem, virgem*, além de todas as inúmeras palavras terminadas em *-agem* (*garagem, viagem, bobagem etc.*).

Desse modo, essa variação é muito usada e tem causado preconceito na língua falada, ao desconsiderar socialmente as relações que envolvem a língua. Lucena; Silva (2017) em uma entrevista com o Bagno para a revista Juçara, o autor define o preconceito linguístico como o conjunto de ideias sobre a língua e o seu uso como um dos preconceitos sociais mais amplos. Segundo o autor “Menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano” (Bagno, 2001, p. 31).

Isto posto, é possível observar que quem mais sofre com o preconceito são as pessoas de classe menos favorecida, ao se considerar que a sociedade é muito desigual quando se trata de discriminação no uso da língua.

ANÁLISE DOS DADOS

Nos dados analisados, foram encontrados 310 contextos de aplicações da regra investigada. Após codificados, foram submetidos ao programa *GoldVarb X*, um programa computacional de regras variáveis utilizado para se chegar aos resultados dos estudos quantitativos.

Tabela 1 – Frequência da desnasalização das vogais postônicas na fala caxiense.

Fenômeno	Aplicação	Total de ocorrências	Frequência
Nasalização	126	310	59,4%
Desnasalização	184	310	40,6%

Fonte: Autores (2026)

Os resultados mostram que em 310 ocorrências, ocorrem 184 aplicações da desnasalização das vogais postônica, com uma frequência de 59,4%, contra a desnasalização, com 126 aplicações e uma frequência de 40,6%. Os resultados comprovam que está havendo o fenômeno de desnasalização das vogais na comunidade em estudo. Confirma o que propôs Votre (1978) que “apontava uma mudança em progresso no sentido da perda da nasalidade” e Guy (1981) que “indicava que a realidade das variantes orais do ditongo (*homi, dizi*) caracterizariam um processo em variação estável”.

Para o estudo da redução nasal, o programa computacional *GoldVarb X* selecionou, a variável independente social *escolaridade*, na fase *stepup*, como a principal variável relevante.

A variável escolaridade indica que a redução da nasalidade é mais realizada pela escolaridade menor, essa redução nasal ocorre com os menos escolarizados. É o que se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 2 – Desnasalização das vogais postônicas e a escolaridade.

Escolaridade	Aplicação	Total de ocorrências	%	Peso relativo
5 – Ens. Fund. Menor	64	80	80	.91
9 – Ens. Fund. Maior	37	50	74	.71
M – Ensino Médio	69	105	65,7	.39
S – Ensino Superior	14	75	18,7	.73
Total	184	286		input .626

Fonte: Autores (2026)

Os resultados indicam que o processo de redução nasal é mais frequente entre os falantes com ensino fundamental menor, que apresentaram um peso relativo de .91, configurando-se como o grupo que mais favorece a aplicação da regra de desnasalização das vogais postônicas. Em seguida, observa-se o ensino superior, com peso relativo de .73, e o ensino fundamental maior, com .71, ambos também demonstrando tendência favorável, embora em menor grau. Já o grupo do ensino médio apresentou o menor índice de favorecimento, com peso relativo de .39, o que indica uma postura mais conservadora em relação à variante inovadora.

Esses resultados contrastam parcialmente com os achados de Battisti (2002), segundo a qual os falantes com maior escolaridade tendem a preservar a variante nasal, enquanto os menos escolarizados favorecem a redução. No presente estudo, embora o ensino fundamental menor siga essa tendência ao apresentar o maior peso relativo, o ensino superior também mostra índices elevados, o que rompe com a escala linear de escolarização proposta pela autora, ou seja, não há aqui uma correspondência direta entre nível de instrução e preservação da nasalidade.

Essa diferença pode ser interpretada sob dois ângulos complementares. Do ponto de vista estrutural e sociolinguístico, os dados confirmam a observação de Votre (1978), para quem a nasalidade tende a ser obliterada com maior constância entre os menos escolarizados, em razão da menor influência da norma culta e da maior espontaneidade na fala. Entretanto, o índice elevado entre os falantes com ensino superior sugere que a redução nasal pode estar se expandindo socialmente, deixando de ser um traço restrito às camadas populares e passando a ser

incorporada também por grupos de maior escolarização, possivelmente em contextos de fala informal.

Essa hipótese ganha força quando se considera que o ensino da língua padrão, ainda fortemente normativo nas escolas, não elimina completamente as formas de variação linguística, mas as reconfigura segundo contextos de uso e de prestígio. Assim, o alto índice de desnasalização entre universitários pode indicar um uso mais flexível e consciente das variedades linguísticas, no qual o falante alterna entre formas padrão e não padrão conforme a situação comunicativa.

Em síntese, a variável escolaridade revela um quadro complexo: embora a menor escolarização continue associada à maior ocorrência da redução nasal, há indícios de que o fenômeno vem se difundindo também entre falantes mais escolarizados, o que pode sinalizar um processo de mudança linguística em andamento, transcendente aos limites estritamente sociais e refletindo a dinâmica interna do sistema fonológico do português.

A variável sexo é uma variável independente social importante para este estudo, conforme o programa de regras variacional GoldVarb X, como mostram os resultados, na tabela abaixo:

Tabela 3 – Desnasalização das vogais postônicas e o sexo.

Sexo	Aplicação	Total de ocorrências	%	Peso relativo
Masculino	139	179	77,7	.78
Feminino	45	131	34,4	.14
Total	184	310		input .626

Fonte: Autores (2026)

Os resultados apresentados na tabela demonstram uma diferença expressiva entre homens e mulheres quanto ao uso da regra de desnasalização das vogais postônicas. Observa-se que os homens realizam o processo com maior frequência, registrando 179 ocorrências, das quais 139 correspondem à aplicação da regra, o que representa 77,7% dos casos e um peso relativo de .78. Esses valores indicam que, no grupo masculino, a desnasalização é amplamente favorecida, evidenciando uma tendência à adoção de formas inovadoras.

Por outro lado, as mulheres apresentam uma frequência consideravelmente menor de aplicação da regra, com 131 ocorrências e apenas 45 aplicações na forma não nasal, correspondendo a 34,4% e a um peso relativo de .14. Esses índices revelam que, na fala feminina, a manutenção da nasalidade é mais recorrente, o que caracteriza um comportamento linguístico

mais conservador diante do processo de variação.

A análise dessa variável confirma um padrão recorrente em estudos sociolinguísticos, conforme apontam Labov (1994, 2001), de que os homens tendem a liderar processos de mudança linguística de caráter fonético-fonológico, enquanto as mulheres frequentemente atuam como agentes de preservação das normas prestigiadas ou das formas conservadoras. Assim, o uso mais elevado da desnasalização entre os homens pode ser interpretado como um indicativo de inovação linguística, representando uma mudança em curso no sistema fonológico local.

Por outro lado, a menor frequência observada entre as mulheres sugere uma resistência à mudança, possivelmente motivada por fatores socioculturais e identitários, como a maior sensibilidade às normas de prestígio e ao monitoramento da fala. Esse contraste reforça a ideia de que o sexo funciona como um fator condicionador relevante na propagação ou contenção de mudanças linguísticas, refletindo tanto aspectos estruturais da língua quanto atitudes e papéis sociais assumidos pelos falantes.

Em relação à variável classe de palavra, a primeira variável linguística e a terceira selecionada pelo *GoldVarb X*, os resultados mostram que o processo da desnasalização acontece com a variante *Nomes com o sufixo gem*, favorecendo o processo da redução da nasalidade. As demais variantes barram o processo de desnasalização.

Tabela 4 – Desnasalização das vogais postônicas e a classe de palavra.

Classe de palavra	Aplicação	Total de Ocorrências	%	Peso Relativo
Nomes	106	168	63,1	.45
Nomes com sufixo <i>gem</i>	54	87	62,1	.67
Nomes com <i>gem</i> na raiz	23	42	54,8	.62
Verbos	1	13	7,7	.02
Total	184	310		input .626

Fonte: Autores (2026)

A análise revelou que a variante *nome com sufixo -gem* apresentou peso relativo de .67, com 87 ocorrências e 54 aplicações da regra, resultando em uma frequência de 62,1%. Esses valores indicam que esse contexto favorece de forma significativa a aplicação da regra de desnasalização da vogal postônica, configurando-se como um ambiente propício à inovação linguística.

Os resultados apontam que os *nomes com sufixo -gem* exibem maior tendência à desnasalização, funcionando como gatilhos estruturais para o processo de perda da nasalidade,

conforme se observa em exemplos como *tatuagem* → *tatuage*. Essa tendência pode ser explicada pela natureza morfológica e fonológica do sufixo *-gem*, que combina estrutura silábica complexa com um contexto articulatorio que favorece a neutralização do traço nasal na vogal precedente.

Entretanto, embora os dados atuais diverjam parcialmente das conclusões de Battisti (2002), que já havia identificado o sufixo *-gem* como altamente favorável à desnasalização, a presente análise confirma que o contexto continua relevante, mantendo peso relativo significativo .67 e, portanto, atuando como uma das variantes inovadoras do fenômeno. A diferença pode estar relacionada à variação diatópica (diferenças regionais) ou à influência de outros fatores linguísticos e sociais que interagem com essa variável, condicionando o avanço do processo em determinadas comunidades de fala.

Além disso, o fator *nome terminado em -gem na raiz* também apresentou peso expressivo .62, o que reforça a ideia de que estruturas morfológicas com final nasal continuam a oferecer condições favoráveis para a redução da nasalidade, ainda que com menor intensidade.

Por outro lado, os nomes e verbos, sem esse tipo de terminação, demonstram comportamento oposto, freando o avanço da desnasalização postônica e, assim, contribuindo para a manutenção do traço nasal. Esse contraste evidencia um equilíbrio entre formas conservadoras e inovadoras, típico de processos variáveis em curso de mudança.

Do ponto de vista sociolinguístico, esses resultados sugerem que a desnasalização das vogais postônicas associadas ao sufixo *-gem* pode representar um processo de variação fonológica condicionada morfológicamente, em que certos padrões lexicais se tornam mais suscetíveis à simplificação articulatória e, portanto, mais propensos à mudança linguística. Tal comportamento reforça o princípio laboviano de que as mudanças fonológicas emergem inicialmente em contextos específicos e previsíveis, expandindo-se gradualmente no sistema linguístico.

A análise estatística indicou que o programa selecionou as consoantes do Onset como a segunda variável linguística significativa para a ocorrência da desnasalização das vogais postônicas. Os valores de peso relativo mostram o grau de favorecimento de cada contexto consonantal, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 5 – Desnasalização das vogais postônicas e as consoantes do Onset.

Consoantes do Onset	Aplicação	Total de ocorrências	%	Peso relativo
Consoante nasal	105	170	61,8	.30
Consoante não-nasal posterior	73	124	58,9	.77
Consoante não-nasal anterior	6	16	37,5	.28
Total	184	310		input .626

Fonte: Autores (2026)

Os dados demonstram que a desnasalização é fortemente favorecida em ambiente de consoantes não-nasais posteriores, com 73 aplicações, 124 ocorrências, frequência de 58,9% e peso relativo de .77. Esse resultado indica que consoantes velares (/k/, /g/) e palatais (/ʃ/, /ʒ/, /tʃ/, /dʒ/), típicas desse grupo, criam um contexto fonético propício à perda da nasalidade, possivelmente por favorecerem um movimento articulatorio mais recuado e por promoverem a coarticulação entre a vogal e a consoante subsequente.

Em contrapartida, as consoantes nasais (.30) e não-nasais anteriores (.28) apresentaram baixos pesos relativos, revelando que esses contextos inibem a desnasalização, ou seja, tendem a preservar a nasalidade das vogais postônicas. Tais ambientes apresentam uma articulação mais anterior ou com fechamento velar, que dificulta a neutralização do traço nasal.

Esses resultados confirmam as observações de Votre (1978), segundo as quais as consoantes palatais e velares em posição precedente ao ditongo favorecem a queda da nasalidade, por atuarem como gatilhos articulatorios para a simplificação da estrutura silábica.

Do ponto de vista sociolinguístico, o comportamento das consoantes do Onset reflete um processo de variação estável, em que a escolha entre manter ou eliminar a nasalidade postônica é condicionada não apenas por fatores sociais, mas também por restrições fonéticas internas ao sistema linguístico. A presença de consoantes posteriores, por exemplo, contribui para uma tendência de simplificação fonética que pode estar associada à busca por maior fluidez articulatória e à economia de esforço.

Desse modo, a análise demonstra que a desnasalização postônica não ocorre de forma aleatória, mas segue padrões estruturais previsíveis, nos quais a natureza articulatória das consoantes do Onset desempenha papel central. Essa constatação reforça o princípio da heterogeneidade ordenada, proposto por Labov (2008 [1972]), segundo o qual a variação linguística apresenta regularidades sistemáticas, regidas tanto por condicionamentos sociais quanto por restrições fonológicas internas à língua.

O número de sílabas diz respeito à última variável selecionada. Apresenta um resultado satisfatório na pesquisa, o que comprova a grande relevância no uso da variável. Não foi identificado o fator monossílabo no estudo, porque o fenômeno da desnasalização não se credencia em palavras de uma só sílaba.

Tabela 6 – Desnasalização das vogais postônicas e o número de sílabas.

Número de Sílabas	Aplicação	Total de Ocorrências	%	Peso Relativo
Dissílabo	10	155	6,5	.42
Trissílabo	12	110	10,9	.56
Polissílabo	04	21	19	.71
Total	26	286		input .626

Fonte: Autores (2026)

Os resultados referentes à variável número de sílabas apontam que o processo de redução da nasalidade apresenta comportamento variável conforme a extensão silábica das palavras. Nos *dissílabos*, observa-se um índice relativamente baixo de aplicação da desnasalização, com 10 ocorrências de um total de 155, correspondendo a 6,5% de frequência e um peso relativo de .42. Esses valores indicam que, nesse contexto, a manutenção da nasalidade é predominante, configurando os dissílabos como ambiente desfavorável à inovação fonológica.

Já nos trissílabos e polissílabos, a tendência se inverte. O fator trissílabo apresentou 110 ocorrências, das quais 12 correspondem à aplicação da regra, totalizando 10,9% de frequência e peso relativo de .56, enquanto os polissílabos registraram 21 ocorrências, com 4 aplicações, o que equivale a 19% e peso relativo de .71. Apesar do número absoluto de ocorrências ser menor nos polissílabos, o peso relativo mais alto indica que esse contexto favorece mais fortemente a desnasalização.

Esses resultados sugerem que quanto maior o número de sílabas, maior a propensão à redução da nasalidade, o que pode ser explicado por fatores de natureza prosódica e articulatória. Em palavras mais longas, a complexidade rítmica e o esforço articulatório tendem a favorecer processos de simplificação segmental, como a perda da nasalidade postônica. Os exemplos *visagem* → *visage* e *reportagem* → *reportage* ilustram esse comportamento, evidenciando que a queda da nasalidade ocorre preferencialmente em vocábulos de estrutura silábica mais extensa.

Do ponto de vista sociolinguístico e fonológico, os dados confirmam que a variação na desnasalização é sistemática e condicionada por fatores estruturais da língua, reforçando o princípio laboviano da heterogeneidade ordenada (LABOV, 2008 [1972]). A diferença observada

entre palavras curtas e longas demonstra que o processo não é aleatório, mas regido por restrições internas, relacionadas à organização rítmica e à economia articulatória.

Em síntese, a variável número de sílabas mostra que a desnasalização é mais favorecida em palavras trissílabas e polissílabas, indicando uma tendência à simplificação fonética em vocábulos de maior extensão. Essa tendência reforça a hipótese de que o processo de redução nasal atua seletivamente conforme a estrutura silábica, manifestando-se de forma mais produtiva nos contextos em que há maior complexidade prosódica e menor controle articulatório por parte do falante.

Percebemos que existe favorecimento na aplicação no uso da desnasalização. Quando se trata do número de sílabas, foi constatado que o processo é mais aplicado entre o fator *trissílabo e polissílabo*, como mostra no exemplo: *Visagem – Visage; Reportagem – Reportage*. Ainda que os resultados se alcancem, contudo, ressalta que a redução da nasalidade é realizada pelos dois fatores.

CONCLUSÃO

A análise dos resultados evidencia que o processo de desnasalização das vogais postônicas é condicionado por um conjunto de fatores linguísticos e sociais que interagem de forma sistemática no interior do sistema fonológico. Indica a desnasalização das vogais postônicas na fala caxiense, com uma frequência de 59,4%, contra a nasalização, com uma frequência de 40,6%.

Entre as variáveis sociais, destacou-se o fator escolaridade que revelou resultados reveladores: embora a menor escolarização se mantenha como o contexto mais favorável à redução nasal com peso .91, observou-se que o ensino superior também apresentou índices elevados, o que pode indicar uma difusão da variante reduzida entre grupos mais escolarizados, especialmente em contextos de fala informal. Tal fenômeno sugere uma possível reconfiguração social da mudança linguística, que ultrapassa fronteiras tradicionais entre fala popular e fala culta.

A variável sexo revelou que os homens lideram o uso da variante inovadora, com frequência e peso relativo significativamente maiores que os das mulheres. Esse comportamento confirma o padrão laboviano segundo o qual os homens tendem a iniciar processos de mudança linguística, enquanto as mulheres atuam como agentes de conservação, reforçando as normas prestigiadas.

Do ponto de vista estrutural, observou-se que as consoantes do Onset, especialmente as

não-nasais posteriores (palatais e velares), exercem forte influência sobre a ocorrência da regra, favorecendo a redução da nasalidade. Esse comportamento confirma as observações de Votre (1978), segundo as quais esses contextos fonéticos criam ambientes articulatórios propícios à simplificação e à perda do traço nasal.

No plano morfosintático, a variante nome com sufixo -gem apresentou os maiores índices de aplicação da desnasalização, reforçando o papel das estruturas morfológicas específicas como gatilhos para a inovação fonológica. Esse resultado dialoga com estudos anteriores, como o de Battisti (2002), ainda que apresente nuances distintas, indicando que a desnasalização associada ao sufixo -gem pode estar em fase de expansão social e lexical.

Por fim, a análise do número de sílabas demonstrou que a desnasalização é mais frequente em vocábulos trissílabos e polissílabos, confirmando que fatores prosódicos e rítmicos também condicionam o processo. Palavras mais longas favorecem a simplificação articulatória, o que reforça o caráter interno e sistemático da variação.

De modo geral, os resultados indicam que a desnasalização das vogais postônicas não ocorre de forma aleatória, mas reflete um padrão de variação linguística ordenada, em que fatores fonológicos, morfológicos e sociais se articulam na configuração de um processo de mudança em curso. A análise evidencia, portanto, a coexistência de formas conservadoras e inovadoras, mostrando que o fenômeno da redução nasal é ao mesmo tempo linguisticamente condicionado e socialmente distribuído, o que o torna um exemplo expressivo da dinâmica viva e heterogênea da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística – 15 ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Gramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. 2 ed. São Paulo: edições Loyola, 2001.

BATTISTI, E. **A redução dos ditongos nasais átonos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs).

Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

FIORIN, José Luiz. **Novos caminhos da linguística**. – São Paulo: Contexto, 2017.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax, and language history. Tese (Doutorado) — University of Pennsylvania, 1981.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Internal Factors. Oxford: Blackwell Publishers, v.1. 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. **Padrões sociolinguísticos**. (Tradução Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre e Caroline Cardoso) São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. Rio de Janeiro: 2014.157 f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Atitudes Linguísticas dos Falantes do Maranhão**. Projeto de pesquisa aprovado pela FAPEMA e UEMA, Caxias: UEMA, 2016.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos**: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro – Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: 1996.

VOTRE, J. S. **Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.